



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Teorias e Metodologias [AT]

RIDENDO CASTIGAT MORES. A TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS E A (RE)CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

COSTA, Rosalina Pisco

Doutorada em Ciências Sociais – Sociologia Geral (ICS-UL, 2011)

Universidade de Évora & CEPESSE

rosalina@uevora.pt

Resumo

Este texto propõe-se explorar e discutir o lugar da transcrição de entrevistas no processo de investigação em ciências sociais. Tarefa frequentemente relegada para segundo plano, muitas vezes sub-contratada, a transcrição de entrevistas tornou-se até certo ponto “banal”, à medida que se sofisticam os recursos áudio ou vídeo utilizados para o registo dos dados. Para esta imagem concorrem também as descrições comuns nos manuais de metodologia, que apresentam a transcrição como uma tarefa “mecânica”, “morosa”, “repetitiva”, “cansativa” e até certo ponto “esgotante”. A partir da experiência de condução, transcrição e análise de entrevistas, argumenta-se que o processo de transcrição é uma tarefa central para a análise e discussão de resultados, particularmente em investigação qualitativa. As ilustrações que se apresentam centram-se no riso, porventura o auxiliador expressivo mais frequentemente apontado pelo transcritor. É justamente a partir desses apontamentos e da expressão latina “*ridendo castigat mores*” que se espera contribuir para uma postura mais reflexiva em torno da complexidade do processo de construção de conhecimento em ciências sociais com recurso a entrevistas e sua análise em perspectiva qualitativa.

Abstract

This paper attempts to explore and discuss the place of the transcript of interviews in social sciences research. Task sometimes relegated to the sidelines, eventually sub-contracted, the transcription of interviews is often taken for "trivial", as sophisticated audio or video resources become generalized for data recording. Methodology books also contribute to this common sense, as they frequently present transcription as a "mechanical", "slow", "repetitive" and "tiresome" task. Based upon previous experience in conducting, transcribing and analyzing interviews, I argue that transcription is a central task for the analysis and discussion of results, particularly in qualitative research. The illustrations brought to light focus on laughter, perhaps the most frequently observation indicated by the transcriber. Inspired by these observations and Latin expression "*ridendo castigat mores*", it is expected this text to contribute to enhance awareness on the complexity of the process of knowledge construction in social sciences through interviews, especially as far as the qualitative inquiry is concerned.

Palavras-chave: entrevista; transcrição; riso; construção da realidade social.

Keywords: interview; transcription; the laughter; construction of social reality.

Introdução

Tarefa frequentemente relegada para segundo plano, muitas vezes sub-contratada, a transcrição de entrevistas tornou-se até certo ponto “banal”, à medida que se sofisticam os recursos áudio ou vídeo utilizados para o registo dos dados. Para esta imagem concorrem também as descrições comuns nos manuais de metodologia, que apresentam a transcrição como uma tarefa “mecânica”, “morosa”, “repetitiva” e “cansativa”. Neste texto propomo-nos explorar e discutir o lugar da transcrição de entrevistas no processo de investigação em ciências sociais. O nosso argumento é que a transcrição de entrevistas é uma tarefa central para a análise e discussão de resultados, particularmente em investigação qualitativa.

Metodologicamente, apoiamo-nos na experiência de condução, transcrição e análise de entrevistas (Costa, 2011). Para a transcrição *verbatim* das entrevistas que então realizámos, seguimos dois processos principais: a transcrição com recurso a um *software* de reconhecimento de voz (*Free Speech 2000, Phillips*) e a transcrição clássica de reprodução e processamento de texto com recurso ao *Express Scribe*, da NCH¹. Ouvir, transcrever, ouvir novamente e reescrever, processos comuns na operação de transcrição de entrevistas, obrigou-nos, directamente, a mergulhar no detalhe dos dados e a retomar o “tom” geral e o contexto da mesma; indirectamente, a avançar na apreensão do sentido global da narrativa do entrevistado e a iniciar, desde logo, a análise. Assumir este procedimento na primeira pessoa, com todos os riscos que representou em termos de consumo de tempo foi, afinal, uma vantagem compensada pela facilidade com que nos familiarizámos com os dados, condição impossível de conseguir pela simples leitura do material transcrito por outrem (Arksey & Knight, 1999; Gillham, 2005). Já transcritas, as entrevistas foram depois relidas ao mesmo tempo que eram ouvidas. Esta tarefa teve um duplo efeito: permitiu a correcção de gralhas ou lapsos de transcrição e a identificação e aprofundamento progressivo de temas e categorias. Neste sentido, o trabalho da transcrição não é apenas uma tarefa de organização e gestão da informação, é já parte da análise e difícil dela se distinguir completamente (Gillham, 2005).

A fim de desenvolver o argumento antes apresentado, dividimos este texto em duas partes principais. Na primeira, retomamos o exercício de transformação da narrativa oral em narrativa escrita, apresentamos e discutimos algumas das convenções e boas práticas para a transcrição de entrevistas; na segunda, procuraremos exemplificar como a transcrição é um processo de construção da realidade social e indissociável da interpretação dessa mesma realidade. As ilustrações apresentadas centram-se no riso, porventura o auxiliador expressivo mais frequentemente apontado pelo transcritor. É justamente a partir desses apontamentos e da expressão latina “*ridendo castigat mores*” que se espera contribuir para uma postura mais reflexiva em torno da complexidade do processo de construção de conhecimento em ciências sociais com recurso a entrevistas e sua análise em perspectiva qualitativa.

Da narrativa oral à escrita: conversação, transcrição e transformação

A transcrição torna-se até certo ponto obrigatória sempre que no contexto da investigação social há o registo de dados por meio de gravação áudio ou vídeo. Ainda numa fase de tratamento, e independentemente de o investigador pretender levar a cabo uma análise manual ou com recurso a *software* específico, a transcrição visa preparar e uniformizar os dados a fim de permitir e facilitar o manuseamento da informação a submeter a análise sistemática e interpretação posteriores.

No caso particular da entrevista, a recolha de dados envolve geralmente uma conversação face-a-face que é depois fixada e estabilizada, primeiro no registo áudio, depois no registo escrito. Ainda que as gravações devam ser conservadas, e mesmo que o investigador volte a ouvi-las por alguma razão especial, uma vez obtido o registo textual, a análise far-se-á principalmente com recurso à transcrição, doravante perspectivada como a informação “em bruto” da investigação empírica e “a única (versão da) realidade disponível para o investigador” (Flick, 1995, p. 177). Não obstante, e desejavelmente, a este material poderão juntar-se registos complementares de dados, tais como os que derivam da captação de imagens, apontamentos de notas de observação ou da redacção de diários de campo.

Independentemente da opção pela transcrição selectiva (parcial) ou *verbatim* (palavra por palavra), a transcrição obriga sempre a uma transformação da narrativa oral em narrativa escrita. Isto acontece porque nenhuma transcrição é imediata ou simples decalque da oralidade. Ao invés, a transcrição envolve um conjunto de julgamentos constantes e micro-decisões por parte do transcritor que se vê confrontado com modos narrativos diferentes, estruturas e regras próprias. De facto, passar do modo narrativo oral ao escrito não significa uma mera tradução, antes uma “transformação” (Kvale, 2007) que perdura para além do contexto físico e face-a-face da entrevista. Por um lado, porque são inúmeros os factores que afectam a transcrição, seja a qualidade da gravação, da audição ou da própria interpretação do que é ouvido. Por outro, porque em última instância depende do entendimento do transcritor o juízo sobre o momento em que termina uma frase, o local e o tempo da pausa, a inclusão de uma vírgula ou a marcação de uma suspensão frásica. No processo de transformação para que alude Kvale, torna-se assim necessário encontrar um meio-termo entre a vivacidade do discurso oral (e.g. ritmo, respiração, tom da voz e linguagem corporal como postura e gestos) e a formalidade que o discurso escrito sempre exige. O desafio, como lembra Isabel Guerra, é o de “dar conta de que a transcrição do discurso oral simples, sem arranjo, não torna o discurso inteligível depois de escrito” (Guerra, 2006, p. 70). Há, pois, que redigir um discurso capaz de ser inteligível, tanto pelo investigador quanto pelo eventual leitor.

Existem diferentes sistemas de transcrição que variam consoante o grau de exactidão que se deseja imprimir à transcrição. Porém, não existe uma medida ou orientação padrão. Se é certo que o objectivo da análise de linguagem reside numa fixação detalhada e minuciosa; no contexto das ciências sociais interessará, tão-somente, o que Isabel Guerra designa de ser “fiel ao que foi dito” (Guerra, 2006, p. 69). Efectivamente, uma obsessão por regras de transcrição perfeitamente estabelecidas e cronometradas retira o essencial da transcrição para o fim que nos interessa e que é, justamente, o de possibilitar a interpretação dos dados. Como adverte Uwe Flick, “[e]ste tipo de exactidão pode justificar-se em estudos linguísticos ou de análise conversacional centrados na organização da linguagem. Em questões mais psicológicas ou sociológicas, porém, onde o intercâmbio linguístico é um meio para estudar certos conteúdos, só em casos excepcionais se justificam padrões de exactidão exagerados, na transcrição” (Flick, 2005, p. 174).

Na decisão sobre o que transcrever e como transcrever, as opções ficam a cargo do transcritor. Em última instância, são determinadas pelo fim a dar à transcrição, isto é, a sua utilização para um propósito específico que o transcritor-investigador conhecerá de antemão. A transcrição é, pois, uma construção da realidade social, parcial e orientada para um fim específico. Ao mesmo tempo, as diferenças entre o discurso oral e escrito fazem da transcrição um processo eminentemente interpretativo (Arksey & Knight, 1999; Gillham, 2005; Kvale, 2007; Mason, 2002). Em suma, no contexto das ciências sociais em geral, e da sociologia em particular, o objectivo primordial da transcrição é o de manter o rigor e a autenticidade sem que a leitura se torne demasiado fastidiosa ou complexa, e o de facilitar o acesso ao conteúdo, em primeiro lugar, mais do que à forma do discurso.

Procedimentos para a transcrição: convenções e boas práticas

Porque a transcrição é sempre um processo moroso², e porque há que garantir a estandardização da informação transcrita, é necessário estabelecer um conjunto de indicações ou regras que embora não tão exigentes quanto para uma análise de conversação, apresentem ao transcritor orientações claras aquando da fixação da narrativa oral em escrita. Neste domínio, a análise conversacional tem sido geralmente o modelo a seguir nas transcrições efectuadas em ciências sociais. Outras vezes, os investigadores não usam qualquer orientação específica e aprendem a fazer à medida do que vão fazendo ou vendo outros fazer.

Na ausência de consenso na literatura relativamente às orientações para efectuar a transcrição, prevalece uma regra básica: dizer como a transcrição foi feita (Kvale, 2007, p. 95). Sem negligenciar o interesse e mais-valia do aprofundamento dos processos de transcrição a partir da leitura de bibliografia especializada³, sintetizam-se na Caixa 1 algumas convenções para a transcrição *verbatim* de entrevistas. Sugerimo-las para utilização e eventual adaptação por parte do transcritor menos experiente por serem de utilização simples e suficientemente estandardizada para os fins que a investigação em ciências sociais exige e que partilhamos⁴.

Contexto	Convenção
Afirmação	.
Interrogação	?
Exclamação	!
Suspensão intencional ou qualquer pausa (breve)	...
Pausa mais longa	[pausa]
Risos, Gargalhadas	[risos], [gargalhadas]
Comoção, Choro	[comoção], [choro]
Discurso directo ou citação literal no decurso da entrevista	‘ ’ (aspas, preferencialmente diferentes das utilizadas nas citações) (Ex. [...] eu digo-lhe ‘tu para me explicares tens de perder tempo. Se não quiseres perder tempo, não vale a pena, fazes tu!’)
Entoação enfática ou saliência	[ênfase] após a palavra ou expressão (Ex.: Foi um dia muito [ênfase] importante na minha vida!)
Silabação	- - (hífen) (Ex.: Fiquei pro-fun-da-men-te chateada!)
Alongamento de vogal e consoante (como r, s)	: ou :: (dois pontos, o número de pontos é proporcional à duração do prolongamento)
Sobreposição de discurso, simultaneidade de vozes	[[(ligando as linhas)
Truncamento, interrupção discursiva	/ (Ex.: a enfe/ a enfermeira então disse) () (parêntesis curvos vazios)
Incompreensão de palavras ou segmentos (eventualmente, linguagem “menos própria”)	[imperceptível] [###] utilização do cardinal ou de qualquer outro símbolo que não tenha significado específico no corpo do texto (Ex.: Os meus pais moram perto e são os meus [###]. Se não fosse isso não conseguia!)
Hipótese ou suposição do que se ouviu	[hipótese]
Quaisquer comentários do/a transcritor/a	[comentário] (Ex.: [voz baixa], [ironia], [gesto], etc.)

Caixa 1 - Convenções para a transcrição *verbatim*. Fonte: Elaboração própria.

Com o objectivo de ser o mais fiel possível à oralidade, propomos a anotação criteriosa de elementos paralinguísticos na transcrição. A paralinguagem designa o conjunto de sons e ruídos que acompanham a linguagem, sem que dela façam parte. Referimo-nos, em concreto, ao recurso a interjeições e onomatopeias para retomar a espontaneidade e expressividade da oralidade (e.g. sensações e estados de espírito ou imitação de sons mediante o recurso a fonemas ou palavras). O recurso a estas locuções e figuras de linguagem surge legitimado uma vez que se trata, em ambos os casos, de sons articulados, com fonemas que fazem parte do sistema da língua, logo, incorporados no repertório comunicativo da língua e parte do vocabulário desta. De modo complementar, sugerimos também o recurso a ideofones para acompanhar as narrativas dos entrevistados. Trata-se de emissões acústicas realizadas com o aparelho fonador e com uma função expressiva e comunicativa, fora do sistema fonológico e que se assemelham mais a elementos não linguísticos ou supra linguísticos como os gestos, a entoação etc. Como refere Maria Celeste Ramilo e Tiago Freitas, “os ideofones são sons que não desempenham um papel funcional na gramática da língua e que não são susceptíveis de receber uma representação ortográfica, sendo, no entanto, usados pelos locutores para veicular um determinado tipo de ideia ou reacção (e.g. agrado, desagrado, espanto, prazer, repulsa, etc.)” (Ramilo & Freitas, 2001, p. 13). Estes ideofones são relativamente convencionais, com uma representação gráfica mais ou menos padronizada (e.g. o som normalmente usado pelo locutores portugueses para manifestar concordância e que na transcrição seguida recebe a representação ‘hum’) ou, noutras casos, expressões que não têm qualquer representação ortográfica convencionada e que dependem, por isso, da sensibilidade auditiva e da imaginação de cada um, desde que o seu sentido seja compreendido em contexto e resulte eficaz (e.g. o som ‘nananá’, utilizado para dar conta de uma enumeração indefinida de casos ou situações, ou ‘taca-taca-taca’, associado a rapidez ou acção multitarefas).

A acompanhar as convenções antes enunciadas, sistematiza-se na Caixa 2 um conjunto de boas práticas para a transcrição *verbatim*.

1. O processo de transcrição é moroso e exigente. Escolha um local confortável e equipamento adequado para facilitar as tarefas de reprodução, audição e processamento de texto;
2. Existe *software* específico que auxilia nas tarefas associadas à transcrição. Faça uma pesquisa e decida de modo informado sobre aquele que mais lhe convém atendendo aos seus recursos, necessidades e objectivos;
3. Para transcrever, ouça pequenos fragmentos de áudio, pare a reprodução e escreva de memória tudo o que reteve. Depois, volte a ouvir e preencha os espaços em branco, corrija gralhas, acrescente ou suprima elementos;
4. Antes da fala do entrevistador, colocar E: (se houver mais de um: E1 e E2);
5. Antes da fala do entrevistado ou informante, colocar e: ou I: (se houver mais de um: e1 e e2 ou I1 e I2);
6. Os entrevistados têm sotaque, pronunciam as palavras de determinada forma, utilizam bengalas e tiques linguísticos. Estas particularidades devem ser mantidas sempre que for julgado de interesse para a interpretação dos dados;
7. A transcrição deve seguir a ortografia de escrita padrão usada para representar a língua utilizada na oralidade;
8. Pequenos erros de ortografia ou sintaxe podem ser corrigidos para que não dificultem a leitura final do texto;
9. Admitem-se algumas concessões à pronúncia que derivam de usos muito cristalizados em determinadas regiões, contextos profissionais ou outros. Ex.: Registo dos grafemas finais de “táver?” ou “né?”, das expressões “sotôr” ou “sotôra” ou das variantes do verbo “estar” na forma como foram efectivamente pronunciadas: “tá”, “tou”, “tava”, “távamos”, etc.;
10. Interjeições: Ah!, Eh!, Ih!, Oh!, Ui!, etc.;
11. Ideofones: hum, mm, ugh, nananá, ta-ta-tá, taca-taca-taca, etc.;
12. Números: por extenso até 10;
13. Podem-se combinar observações diversas, concomitantes ou sequenciais entre parêntesis rectos. Ex.: “Foi uma altura muito difícil da minha vida... [comoção], [choro]”;
14. Quando existem várias instanciações da mesma palavra transcrevem-se todas. Ex.: “Naquela altura aquilo era mesmo, mesmo, mesmo muito importante!”;
15. Utilizar as ‘Opções de Correção Automática’ dos processadores de texto para poupar tempo e escrever mais rápido;
16. Utilizar marcações temporais (*timestamps*) para identificar no texto secções específicas e facilitar a sua localização posterior no documento áudio;
17. Perante segmentos de difícil compreensão, ajuste a reprodução para um modo mais lento ou mais rápido, avance e volte a ouvir mais tarde, dê a ouvir a outros ou a especialistas no assunto;
18. No momento da transcrição apontar em documento autónomo todos os elementos que possam vir a exigir anonimização (e.g. nomes, datas, locais, profissões, etc.);
19. Na apresentação da transcrição completa, as linhas deverão ser numeradas (em contínuo ou por página). No *Microsoft Word*, utilizar o comando ‘Esquema de página > Números de linha’;
20. No final, guarde o documento com o tipo ‘texto simples’ ou *Rich Text Format* (RTF).

Caixa 2 - Boas práticas para a transcrição *verbatim*. Fonte: Elaboração própria.

Globalmente, recomenda-se ao transcritor que evite a formatação especial de texto com recurso a itálicos ou negritos, bem como o destaque em maiúsculas ou com sublinhados⁵. Sugere-se, em suma, uma transcrição o mais “simples” e “limpa” possível, em que quaisquer comentários ou observações podem ser incluídas pelo transcritor mas perfeitamente demarcadas entre parêntesis rectos. Se é certo que hoje a maior parte dos programas de tratamento e análise qualitativa de dados (e.g. NVivo, Atlas.ti, MAXQDA ou webQDA) permitem trabalhar com vários formatos e suportes, ao agir desta forma o investigador tem a certeza que nenhuma informação se perde aquando da importação de documentos ou cópia de excertos, e salvaguarda que essa mesma informação acompanha sempre no local correcto a narrativa oportunamente anotada.

Ridendo castigat mores

Procuramos agora exemplificar o modo como a transcrição é um processo de construção da realidade social e de interpretação constante dessa mesma realidade. Para o efeito, recorreremos a ilustrações empíricas extraídas de um estudo sobre rituais familiares em que se inquiriram, mediante entrevista de episódio (Flick, 1997, 2005), trinta homens e mulheres com pelo menos um filho entre os 3 e os 14 anos de idade (Costa, 2011). Aquando da transcrição de entrevistas, a investigadora-transcritora rapidamente deu conta da frequência com

que anotava entre parêntesis rectos a expressão “risos” nas narrativas dos homens que eram chamados a descrever os seus quotidianos domésticos e tarefas correlatas. Retomemos, a propósito, dois excertos dessas narrativas, o primeiro sobre a preparação de refeições; o segundo relacionado com a limpeza e o cuidado da casa.

Pedro é professor, tem 35 anos, casado e pai de dois rapazes de sete e quatro anos de idade. Usualmente afastado da preparação das refeições, a mulher ofereceu-lhe uma *Bimby*, um robot de cozinha fabricado pela *Vorwerk*, com o objectivo de o conquistar para esse “lado”. O resultado foi apenas parcialmente conseguido. Conta: “[c]onsigo cozinhar através da *Bimby* e... mais através da *Bimby*, reconheço, do que com tachos e não sei quê...”. Mas, apesar disso, Pedro precisa sempre de mais tempo que a mulher para que “as coisas funcionem bem na cozinha”. Caso contrário, “aquilo ainda disfarça qualquer coisa mas... não! [risos]”. Pedro sente que lhe falta sobretudo a experiência e o treino que à mulher faz com que consiga cozinhar de forma “muito rápida”. A oferta da *Bimby* foi uma forma de tentar obviar estes problemas:

Ela tentou [risos] mas não deu assim muito resultado. O ano passado tentou conquistar-me para o lado da cozinha com a Bimby... aquilo ainda disfarça qualquer coisa mas... não! [risos]. Ofereceu-me a Bimby, só que é assim... isto o problema, para mim, e eu já lhe expliquei a ela... ‘é assim, eu posso arranjar os cozinhados mas tens que me dar tempo para fazer os cozinhados!’ Mas quando às vezes se cria uma rotina do muito [ênfase], muito rápido, aí sinceramente não! Aquela história do fazer, quando ela está cheia de pressa... isto é assim, se eu me puser, entre aspás, a ler as receitas... tenho de ter tempo para as ler e interpretar. E ela, por norma, como já faz aquilo de... nem precisa estar... funciona nesse sentido. Entretanto, eu descasco as coisas para se cozinhar, não é? Mas é aquela coisa de... às vezes o ritmo em si... é assim... ‘epah, a esse ritmo não vale a pena!’ A questão é... sou eu que às vezes me enervo... muitas das vezes quando ela quer imprimir uma coisa que é assim... eu digo-lhe ‘tu para me explicares tens de perder tempo. Se não quiseres perder tempo, não vale a pena, fazes tu!’ Porque é assim... eu tenho... gosto às vezes de fazer as coisas, mas atempadamente e não sei quê... e ela diz, ‘ah, tá muito bom e tá não sei quê...’ e eu não sou tão opinioso em termos disso... [...] e origina isso, pronto... porque às vezes o ritmo em si, aquelas coisas, entre aspás, rotineiras em termos de cozinha... [...] é daquelas coisas em que... houve uma vez ia fazendo uma daquelas asneiras... ‘Não mexas na panela de pressão!’ [elevação do tom de voz]. É assim, se eu nunca, entre aspás, tinha tomado atenção a determinadas coisas, há regras de funcionamento em determinadas coisas que quem não conhece ... não é? Ou que nunca lhe chamaram a atenção... faz asneira de certeza. Pronto. E... a questão é assim, eu se aprendo uma coisa, fixo, ou consigo fixar. Agora, se nunca me chamaram a atenção sobre qualquer tipo de regra ou alguns funcionamentos, entre aspás, não as posso... executar por esse motivo. Acho que é mais nesse âmbito para que as coisas funcionem. E depois ela dizia ‘ah, mas então tu...’. Sinceramente, é assim... se eu nunca o fiz, não podia saber. São coisas básicas que supostamente as pessoas deviam saber. Talvez... pronto, faço uso, com pouca regularidade da Bimby, mas faço..., mas nem sempre...

— Pedro

Num outro testemunho, também Rui recorre com frequência ao riso quando é convidado a descrever as tarefas domésticas relacionadas com o limpar e cuidar da casa em que participa (e não participa). Este bancário de 34 anos, casado e pai de dois rapazes de quatro e um ano, insiste num certo “preciosismo” e “perfeição” da “exigência feminina” no que à execução de algumas tarefas diz respeito. Porque “sai caro”, não pode contar com mais que meio-dia de serviço por semana de uma senhora que lhe faz a limpeza da casa. Assim, a divisão de tarefas domésticas entre os dois membros do casal torna-se “inevitável”, e mesmo sem gostar Rui tem que fazer limpeza. O critério para a divisão de tarefas é duplo:

[...] no fundo acaba por ser... aptidão ou... as tarefas onde eu posso ser mais útil em casa e que não requeiram... ser tão meticoloso com as coisas. Epah, para mim, ‘tá limpo, tá limpo!’”. Mas, continua, “há coisas que... algumas senhoras exigem mais... encerrar chão [ênfase], sei lá... assim uma coisa que exija mais... não quer dizer que eu não consiga fazer! Se calhar conseguir fazer, faço. Não faço é com aquela perfeição requerida. Daí que o aspirar, limpar o pó, sacudir tapetes, fazer cama, quando não é feita de lavado, porque fazer camas de lavado... a minha mulher gosta de fazê-lo com... uma perfeição quase... militar [ênfase]. Como eu não fui à tropa [risos] não tenho essa perfeição militar, não é

verdade? [risos] e portanto para mim 'tá feito, tá feito!'. Não é que fique mal feita, mas não fica com uma moedinha de dois centavos a saltar em cima, quando a gente manda, tá a ver o tipo de cama? [risos] Compreende? Isso não faço!"

— Rui

Nas narrativas de Pedro e Rui é notória a frequência da inclusão entre parêntesis rectos da observação “risos”. A marcação do discurso, bem como a leitura que dela resulta, permite a constatação imediata de como os entrevistados utilizam este “recurso seguro” (Goffmann, 1959, 1974) quando são chamados a narrar a sua participação na esfera doméstica. Sem que pretendamos aqui avançar para uma incursão exaustiva no domínio dos estudos da família e género, destacamos somente como num processo de interpretação qualitativa, de natureza eminentemente indutiva e a partir de um procedimento aberto de categorização, a expressão latina “*ridendo castigat mores*” irrompe insinuosamente como chave que permite a descodificação heurística no plano sociológico. Justamente, é “a rir” que estes entrevistados – homens – “corrigem os costumes”, quando inusitadamente dão por si a admitir perante a entrevistadora “quem faz o quê” em casa, e reconhecem o quão distantes estão de uma repartição igualitária de tarefas que começaram por admitir. O recurso ao cómico evita, neste caso, a seriedade da constatação que através da sua própria narrativa se torna óbvia, tanto para si mesmos, quanto para a entrevistadora-investigadora e agora para o leitor.

Conclusão

Apresentadas, discutidas e exemplificadas as vantagens de uma transcrição *verbatim*, desejavelmente elaborada pelo investigador, reiteram-se as palavras de Steinar Kvale (2007) quando afirma que enquanto a qualidade das entrevistas tem sido muito discutida, a qualidade das transcrições tem sido relativamente negligenciada pela literatura da metodologia em investigação social. Efectivamente, não obstante a morosidade do processo que lhe está subjacente, a qualidade das transcrições é fulcral para a análise e interpretação dos dados. A opção pela transcrição *verbatim* permite, em suma, abrir o leque de interpretações possíveis (Fielding & Thomas, 2001). Na verdade, a transcrição, independentemente do método seguido, é sempre uma forma de construção da realidade social e indissociável da apreensão do sentido da narrativa e da própria realidade assim reconstruída. Acresce que tal reconstrução não se faz, agora, simplesmente para o investigador mas também, e sobretudo, para um leitor, aspecto que obriga a um esforço acrescido no rigor da transformação da narrativa oral em escrita. Da pontuação à decisão de inclusão de todo um conjunto de manifestações verbais e não-verbais observadas durante a realização das entrevistas, como sejam as entoações específicas, expressões faciais, gestos, ironias, silêncios prolongados ou estados emocionais diversos, constrói-se textualmente uma narrativa e, socialmente, uma nova realidade.

Porque a análise de conteúdo visa, em última instância, desocultar a mensagem latente no discurso (Bardin, 1977), importa olhar para a transcrição como mais do que uma soma de palavras e de anotações entre parêntesis rectos. Sem esquecer a natureza interpretativa e construtivista da transcrição, espera-se, em suma, que este texto possa contribuir para uma postura mais reflexiva em torno da complexidade do processo de construção de conhecimento em ciências sociais com recurso a entrevistas e sua análise em perspectiva qualitativa.

Referências bibliográficas

Arksey, Hilary, & Knight, Peter (1999). *Interviewing for Social Scientists. An Introductory Resource with Examples*. London: Sage Publications.

Bardin, Laurence (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Presença.

Burke, Hazel (2011). *Toolkit #15: Using an external agency or individual to transcribe your qualitative data*. Manchester: Morgan Centre for the Study of Relationships and Personal Life at the University of Manchester. Disponível em: <http://www.socialsciences.manchester.ac.uk/medialibrary/morgancentre/toolkits/15-toolkit-transcribing-data-with-external-agency.pdf> [consulta a 27-06-2014]

- Burke, Hazel, Jenkins, Lisa, & Higham, Victoria (2010). *Toolkit #08: Transcribing your own qualitative data*. Manchester: Morgan Centre for the Study of Relationships and Personal Life at the University of Manchester. Disponível em: <http://www.socialsciences.manchester.ac.uk/medialibrary/morgancentre/toolkits/08-toolkit-transcribing-your-qual-data.pdf> [consulta a 27-06-2014]
- Costa, Rosalina Pisco (2011). *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea*, tese de Doutoramento em Ciências Sociais, área de especialização: Sociologia Geral, Lisboa, ICS-UL, Portugal. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/4770>
- Fielding, Nigel, & Thomas, Hilary (2001). Qualitative Interviewing. In N. Gilbert [Ed.], *Researching Social Life* (pp. 123-144). London: Sage Publications.
- Flick, Uwe (1997). *The episodic interview. Small scale narratives as approach to relevant experiences* [Series Paper]. Recuperado em 29 Outubro, 2009, de <http://www2.lse.ac.uk/methodologyInstitute/pdf/QualPapers/Flick-episodic.pdf> [consulta a 29-10-2010]
- Flick, Uwe (2005 [2002]). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Gillham, Bill (2005). *Research Interviewing – the range of techniques*. Berkshire: Open University Press.
- Goffman, Erving (1974). *Les Rites d'Interaction*. Paris: Ed. de Minuit.
- Goffman, Erving (1993 [1959]). *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Guerra, Isabel (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncipeia.
- Kvale, Steinar (2007). *Doing Interviews*. London: Sage Publications.
- Mason, Jennifer (2002). *Qualitative Researching*. London: Sage Publications.
- Poirier, Jean, Clapier-Valladon, Simone, & Raybaut, Paul (1983). *Les Récits de vie. Théorie et Pratique*. Paris: PUF.
- Ramilo, Maria Celeste, & Freitas, Tiago (2001). Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. *Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC) – Working Papers*. <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-redip-transcricao.pdf> [consulta a 21-05-2009].

¹ O *software Free Speech 2000* da Phillips (<http://www.dictation.phillips.com>) comporta dicionários para a língua portuguesa (Português de Portugal) e permitiu-nos, depois de um processo de reconhecimento de voz, converter directamente (ditar através de microfone, com recurso aos comandos de ditado respectivos) as entrevistas de suporte áudio para suporte escrito. No segundo caso, as entrevistas foram transcritas directamente, tentando tirar partido ao máximo das possibilidades de escrita no processador de texto *Microsoft Word* e assim reduzir o tempo dedicado a esta tarefa. Referimo-nos, em concreto, às vantagens do recurso às opções de correcção automática (tanto as pré-definidas como outras, especificamente por nós criadas), bem como todas as possibilidades de revisão de ortografia e gramática. Para obviar a morosidade do processo, utilizámos em ambos os procedimentos o *Express Scribe Transcription Playback Software*, um *software* específico para auxiliar a transcrição de entrevistas armazenadas em suporte áudio digital. Comparativamente a outros (e.g. *F4* e *Transcriber*), este *software* livre (<http://www.nch.com.au/scribe/index.html>) oferece inúmeras vantagens de onde se destaca a possibilidade de controlo da velocidade de reprodução; a adaptação/personalização do teclado com teclas de atalho ('hot keys') para as principais funções de reprodução áudio (e.g. *Play*, *Stop*, *Rewind* e *Forward*), o que torna desnecessária a utilização de um pedal de transcrição; e a utilização em simultâneo com outro *software* de processamento de texto, nomeadamente o *Microsoft Word*.

² Kvale (2007) adverte que mesmo uma transcritora experiente demorará cerca de cinco horas para realizar a transcrição *verbatim* de uma entrevista de uma hora. Essa mesma entrevista resultará num documento de aproximadamente 20-25 páginas a espaço simples, o que também dependerá da quantidade de discurso e do modo como vier a ser formatado. Vários outros autores chamam a atenção para a morosidade da tarefa de transcrição de entrevistas. A este propósito, tivemos oportunidade de comprovar, na primeira pessoa, a veracidade das estimativas de Bill Gillham (2005) quando diz que a transcrição de uma hora de entrevista áudio para suporte escrito pode facilmente ocupar dez horas e raramente menos de seis. Uma calculadora de utilização bastante simples e intuitiva para estimar o tempo de transcrição de entrevistas é disponibilizada pelos investigadores do Morgan Centre for the Study of Relationships and Personal Life da Universidade de Manchester no *Toolkit #08: Transcribing your own qualitative data* (Burke, Jenkins, & Higham, 2010) em url: <http://www.socialsciences.manchester.ac.uk/morgancentre/methods-and-resources/toolkits/toolkit-8/>

³ Cf. o clássico Poirier, Clapier-Valladon, & Raybaut (1983), assim como os *Toolkits #08 e #15* propostos pelos investigadores do Morgan Centre for the Study of Relationships and Personal Life da Universidade de Manchester (Burke, Jenkins, & Higham, 2010; Burke, 2011).

⁴ Estas orientações traduzem e sistematizam o procedimento utilizado na investigação em referência (Costa, 2011), assim como a prática seguida nas actividades de docência, nomeadamente nas disciplinas “Tratamento e Análise de Dados”, “Técnicas Aprofundadas Qualitativas” e “Laboratório de Análise Qualitativa”, leccionadas pela autora nos últimos anos aos cursos de Turismo, Ciências da Informação e Documentação e Sociologia na Universidade de Évora.

⁵ Naturalmente, trata-se de uma sugestão que o investigador-transcritor poderá ou não seguir. Em algumas transcrições verifica-se que a saliência do discurso, por exemplo a que deriva da elevação do tom de voz, é grafada com recurso a letras maiúsculas (ex. “Foi então que ela me disse ‘NÃO FAÇAS ISSO!’”) ou a negrito (ex. “Foi então que ela me disse ‘**Não faças isso!**’”). Apesar de admissível, não o recomendamos por considerarmos que esse procedimento resulta num destaque excessivo sobre a forma do discurso, quando aquilo que nos interessa verdadeiramente reter é o conteúdo e sua interpretação.